

NO FIM, O GATO E EU: ABANDONO E SOLIDÃO EM AS HORAS NUAS DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Maria Aparecida da COSTA (UERN)¹

Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
– Em que espelho ficou perdida
a minha face? (Cecília Meireles)

RESUMO:

A escritora Lygia Fagundes Telles sinaliza em sua obra que está atenta à estética literária, mas sem perder de vista o seu tempo e, conseqüentemente, suas transformações sociais. Isso pode ser observado no romance *As horas nuas* (1989), texto que traz à tona questões caras à escritora como, o abandono humano e os amores frustrados, logo, a solidão. Assim, objetiva-se com este estudo, observar como o avançado da idade da personagem central do romance *As horas nuas*, Rosa Ambrósio, reflete em seu trabalho de atriz - profissão cruel em que a mais-valia, geralmente, é a juventude; bem como, analisar como a personagem lida com a solidão e o abandono pelo amante e pela família.

PALAVRAS-CHAVE: *As horas nuas*, velhice, solidão.

ABSTRACT:

The writer Lygia Fagundes Telles points out in her work that she is connected to literary aesthetic without missing connection to her time and, consequently, its social transformation. This can be observed on her novel *As horas nuas* (1989), which brings important questions to the her as a writer, for example the human abandonment, frustrated love, and, therefore, loneliness. Thereby, this study attempts to understand how the process of aging reflects on the work of the main character of the novel, Rosa Ambrósio, as an actress – a cruel profession which very often youth is highly valued. It also analyses how the main character deals with loneliness and the fact of being left by her lover and her family.

KEYWORDS: *As horas nuas*, ageing, Loneliness.

Introdução

Nas obras de Lygia Fagundes Telles, podem-se observar várias questões, sobretudo, as relações amorosas como suporte de autoconhecimento humano. No romance *As horas nuas* (1989), estão reunidos vários temas recorrentes nos textos de Telles, que vão

¹ Professora na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Contato: cidaminas@hotmail.com

da Ditadura Militar, ao debate sobre a solidão humana, principalmente à solidão feminina. Conforme aponta Berenice Lamas, Telles apresenta em sua obra, além desses temas já citados, questões de ordem social e psicológica como, “exclusão, rejeição, diferenças sociais [...] e desencontros” (LAMAS, 2002, p. 67) ela ainda acrescenta que a obra de Telles eleva o “binômio identidade/alteridade, ou seja, encontro ou desencontro com o outro. A teia dos relacionamentos interpessoais, o jogo entre o mundo interior e exterior e as situações que a vida estabelece às personagens [...]” (LAMAS, 2002, p. 111). Já Alfredo Bosi afirma que escritores do porte de Lygia Fagundes Telles escavam “os conflitos do homem em sociedade, cobrindo com seus contos e romances-de-personagem a gama de sentimentos que a vida moderna suscita [...]” (BOSI, 1994, p. 388). Desta feita, objetiva-se com esse estudo analisar como a personagem, Rosa Ambrósio, figura central do romance *As horas nuas*, lida com o avançar de sua idade e as consequências disso em sua vida. Sobretudo, busca-se observar as reações da personagem em seu confronto direto com a velhice, o abandono familiar e a solidão.

***As horas nuas*: um romance sobre a solidão**

Pode-se afirmar que *As horas nuas* se dedica, basicamente, à solidão da personagem Rosa Ambrósio, causada pelos frustrados amores que teve. O enredo, portanto, mostra uma mulher que, a todo tempo, busca, a partir da memória, reconstruir sua trajetória de vida, avaliando seu comportamento e observando onde errou e onde acertou, com o propósito de descobrir porque naquele momento de sua vida se encontra tão sozinha. As lembranças resgatadas por Rosa são o caminho que ela busca para entender o porquê de nenhum de seus amores terem durado.

A partir do ponto de vista de três narradores diferentes, o romance em foco quebra com a estrutura narrativa tradicional e apresenta três pontos de vista diversos sobre uma mesma história. Destes narradores, o principal deles é a própria personagem central, Rosa Ambrósio, uma atriz em decadência profissional e humana, que em quase toda a obra se apresenta bêbada e com um discurso truncado, confuso, de acordo com seu estado de embriaguez, uma constante em sua vida. Estes capítulos, narrados por Rosa Ambrósio, são basicamente apresentados a partir de um monólogo interior desordenado, solto, em uma tentativa de recuperar memorialisticamente toda a sua vida passada, com o intuito de escrever sua autobiografia. Rosa passa quase todo o romance ensaiando recuperar e registrar, em um gravador portátil, os acontecimentos passados de sua vida, cujo foco central são seus amores perdidos, seu sentimento de abandono pela filha e a intenção de compreender o motivo de estar naquela situação de solidão.

Outro narrador que vale destacar no romance *As horas nuas* é gato Rahul. Trata-se de um gato irônico que traz em sua composição um H, letra que faz referência à humanização do bichano. A função desse narrador felino, embora insólita, é crítica, e gira em torno da reflexão sobre a vida desregrada de sua dona, a atriz, Rosa Ambrósio. Pode-se afirmar que a importância do gato na narrativa é quase tão significativa quanto a da narradora e personagem principal, pois Rahul é fundamental para uma compreensão mais completa da personagem Rosa, já que ele era a criatura mais presente e testemunha ocular de todas as atitudes da personagem, desnudando-a em suas mais íntimas particularidades. Por fim, o terceiro narrador, onisciente, aparece apenas ao final do romance como se fosse o encarregado de fechar de forma neutra a narrativa.

É relevante notar que, quando a narração é feita por Rosa Ambrósio, tudo é construído a partir de um monólogo interior que, mesclado a acontecimentos do presente, trazem fragmentos de memórias voluntárias e involuntárias. Enquanto Rosa ensaia passar sua vida a limpo, se preparando para gravar e posteriormente escrever suas me-

mórias, que é a intenção da atriz a todo momento exposta no romance, ela sonha com a volta do amante, Diogo. Para a atriz, a autobiografia, a busca do passado, ajudaria a resolver seu presente de solidão, em decorrência da perda de sua filha e de seus amores.

A atriz Rosa Ambrósio, dona de uma beleza exuberante no passado, se percebe, como em um *flash*, uma senhora com idade em torno de sessenta anos, não conseguindo admitir nem para si mesma a mudança do tempo em sua vida. Profissional e fisicamente em decadência Rosa Ambrósio se sente em profunda solidão; viúva de Gregório, cujo casamento rotineiro durou mais de trinta anos; abandonada por Diogo, seu secretário e amante; e longe da filha que, além de não morar com ela, constantemente está viajando para outros países, Rosa só tem como companhias o gato Rahul e a empregada Dionísia, a quem carinhosamente chama de Diú. Aversa aos prazeres da carne depois de viúva, Dionísia se entregou à igreja e a cuidar da patroa. Embora com um nome que é uma equivalência feminina do deus da mitologia grega, Dionísio, filho de Zeus com Semele, equivalente ao deus romano Baco, deus das festas, do vinho (BRANDÃO, 1986), Dionísia é a figura pacata e religiosa que, ironicamente, vai colocar ordem na vida desregrada de Rosa:

- A senhora precisa trabalhar de novo, é bom ter um serviço.
- Eles não me querem.
- Por que não? **Tem muita gente de idade** que trabalha. Gente de idade, Ah, querida Dionísia. Meu espelho verdadeiro. E onde foi parar o outro?
- Lembra, Diú? Aquele meu espelho de aumento. Sumiu.
- A senhora escondeu (TELLES, 2010, p. 54) (Grifos nossos).

A empregada é o único ser humano que fica com Rosa do início ao fim da narrativa, cumprindo sua obrigação de servir, sempre enérgica e realista. Ela equilibra a vida da patroa, é quem orienta e dá conselhos à atriz. Percebe-se ao longo do texto que Rosa não consegue lidar com o avanço de sua idade, e que a fala de Dionísia a angustia, porque traz de volta, friamente, sua situação de atriz em um mundo onde sua profissão é condenada pela idade. Essa afirmativa é referendada, na citação acima, quando Rosa esconde o espelho de aumento na tentativa, inconsciente ou não, de esconder as marcas do tempo em seu rosto.

Rosa passa a maior parte de seu tempo em seu apartamento, triste e melancólica; bebendo e devaneando sobre uma possível volta do amado Diogo, por quem continua nutrindo um grande amor, “Diogo, meu amor, fico me perguntando por onde você andará, onde? Jovem e lúcido, uma lucidez assim causticante, eu me embrulhava em tanta coisa e não sabia como sair dos embrulhos, o que eu devo fazer? Perguntei tantas vezes” (TELLES, 2010, p. 16). No entanto, ela se apresenta frequentemente irônica, como se compreendesse criticamente sua condição de abandonada, uma espécie de lucidez proporcionada pelo seu estado etílico,

Entro no quarto escuro, não acendo a luz, quero o escuro. Tropeço no macio, desabo em cima dessa coisa, ah! Meu Pai. A mania da Dionísia largar as trouxas de roupa suja no meio do caminho [...] Eu quero ficar assim quietinha com a minha garrafa, Ô! delícia beber sem testemunhas, algodoada no chão feito astronauta no espaço, a nave desligada, tudo desligado. Invisível (TELLES, 2010, p. 13).

É recorrente na narrativa, a dramatização da vida por Rosa, por vezes confundindo o leitor despercebido, já que a todo tempo ela traz mesclado às suas falas nomes e

fragmentos de peças teatrais e filmes, e sempre que pode a atriz dá uma carga dramática às situações, como se estivesse a todo tempo no palco, representando, em uma tentativa de escapar da realidade desagradável. Também, pode ser observado no romance como a própria personagem faz piada com a temática do amor, com o romantismo sem cabimento, mas necessário para sua sobrevivência. O tema do amor, muito reentrante e estudado na literatura, aparece na obra de Lygia Fagundes Telles, mas mesmo sendo vivido por uma atriz dramática no palco e na vida, não cai no lugar comum, na pieguice. A personagem tem noção de seu amor, de seu sofrimento, e ela própria faz chiste com sua situação.

Em se tratando das questões do amor, Rosa é lúcida. Ela sabe da fugacidade do sentimento e de como isso é visto pela sociedade, ou seja, morrer por amor, ou fazer qualquer espécie de loucura por este sentimento implica assumir-se frágil ou desequilibrada diante de todos. Além disso, ela ironiza as mulheres que, apesar de terem lutado tanto por emancipação, não evoluíram em nada em relação ao sentimento amoroso. A atriz observa que não adianta a mulher ser avançada em tudo, criar filhos sozinha, ter trabalho igual aos homens, ser emancipada, sendo que no amor “prosegue ela tomando seu chá de jasmim” (TELLES, 1989, p.25), ou seja, à espera da realização amorosa partindo do outro. Isso remete ao pensamento de Giddens, que afirma:

[...] em sua maioria, as mulheres têm sido divididas entre as virtuosas e as perdidas, e as “mulheres perdidas” só existiram à margem da sociedade respeitável. Há muito tempo a “virtude” tem sido definida em termos da recusa da mulher em sucumbir à tentação sexual, recusa esta amparada por várias proteções institucionais, como o namoro com acompanhante, casamentos forçados e assim por diante (1993, p. 16).

Esse postulado de Giddens vem reafirmar o que percebemos na personagem de *As horas nuas*, uma mulher que está em constante conflito com a vida que leva e a vida que sabe que a sociedade gostaria que ela levasse.

Outra questão que incomoda Rosa Ambrósio é a hipocrisia relativa à diferença de idade entre os membros que compõem os casais e a relativização do ponto de vista sobre isso. Ela se irrita ao ver a filha Cordélia, uma moça jovem, manter relações com homens mais velhos e não ser criticada, enquanto, quando a situação é inversa, acaba saltando aos olhos do outro, chamando mais a atenção, como se, tal contato entre diferentes fosse algo mais obscuro e assustador. Esse pensamento vem refletir algo maior, uma vez que na sociedade machista uma jovem se relacionando com um homem bem mais velho não choca, no entanto, uma mulher bem mais velha com um homem mais novo incomoda. Essas questões refletem a condição da mulher na sociedade de um forma geral e especificamente na sociedade brasileira onde, mesmo no século XXI, impera o machismo. A personagem sabe que a sociedade não lida bem com a quebra dos paradigmas, e a própria Rosa tem noção dessa situação. De novo aparece a ironia no texto de Telles, pois em nenhum momento o romance traz discursos externos sobre esse tipo de assunto, o que se vê exposto são as impressões e julgamentos das próprias personagens e narradores. Portanto, a angústia da diferença de idade e reação social estão entranhadas na cabeça da atriz. Ela tem noção e consciência de seu papel naquela história.

Bebo sem vontade, por que estou assim amarga? Vai ver, é inveja, estou ficando velha e me ralo de inveja dos jovens que vêm cobrindo tudo feito um caudal espumante, o ralador da inveja rala mais fundo do que o ralador de queijo. Inveja de Ananta, inveja de Cordélia — também de Cordélia? É claro, inveja de minha filha. Sou um monstro,

digo e me cubro com uma blusa. Espera, não é tão simples assim, a verdade é que eu queria apenas uma filha normal — será pedir muito? Podia ser livre, podia morar longe com sua tropa de amantes, aceito. **Mas não precisava ser uma tropa de velhos.** Diogo tem trinta e quatro anos presumíveis, Cordélia é mais moça. **Faz diferença porque sou mulher, hein?!...**Nenhuma diferença, ela responde (TELLES, 2010, p. 26), (Grifos nossos).

Rosa Ambrósio vive de rememoração e lamentos pelos acontecimentos de sua vida. E nessa busca em reviver fatos passados, a atriz sente saudades de tudo que ficou para trás e lamenta a solidão, “Enfim, não interessa, restamos nós nesta coluna do edifício, uma preta velha. Um gato velho e eu. Rosa, Rosae” (TELLES, 2010, p. 53), ela declina o nome. Observa-se que a visão de Rosa Ambrósio sobre o mundo que a rodeia é de alguém que não tem mais ilusão com esse mundo. No entanto, paradoxalmente, sua dedicação e esperança na volta daquele que julga ser seu grande amor é a de alguém que ainda se ilude com o mundo e possíveis realizações pessoais. A personagem tem noção de que o ambiente em que está inserida é hostil a seus desejos, pois ela já não tem mais idade para ser a grande atriz que foi, está ultrapassada; e seu desejo amoroso não é socialmente bem visto. Deste modo, o amor que Rosa Ambrósio sente por Diogo, rapaz muito mais novo do que ela, é demoníaco, desviado, problemático, complexo e vai de encontro a todos os seus desejos reais. Mesmo assim, é esse desejo de realização, de busca amorosa que dá sustentação à vida da atriz e vez por outra lhe proporciona momentos de lucidez para sair da estagnação em que se encontra.

Rosa Ambrósio lamenta o seu estado, reclama da falta de pessoas em sua vida, e de sua fragilidade emocional, além de ter noção de que os anos se passaram e que a velhice, o seu maior pavor, se aproxima, e a perda da juventude é fatal:

O tempo diante de mim. Dizia que eu era uma burguesa alienada. Poderia ter dito, uma burguesa assumida porque nunca neguei minha condição. Tantos espelhos. Mas só agora me vejo, uma frágil mulher cheia de carências e aparências, dobrando o cabo da boa esperança, já nem sei que cabo é esse, era a mamãe que falava nisso mas deve ter alguma relação com a velhice, Ô! meu pai, que palavra desprezível (TELLES, 2010, p. 16).

Rosa Ambrósio é uma mulher intensa que, embora dramatize tudo, não foge de seus sentimentos; ama a juventude, odeia a velhice, portanto, os velhos; e preza muitíssimo a beleza que, para ela, é o sinônimo da juventude. Observa-se que o efeito do álcool em Rosa é contrário ao que se esperava. Ao invés de provocar o alheamento, provoca um estado de lucidez. Esta perceptibilidade trazida pelo estado etílico, paradoxalmente, a perturba, e aguça o desejo de viver a cada dia mais embriagada, fugindo do mundo em que se encontra agora. Um mundo sem paixão, sem amor, cheio de solidão e desespero pela idade que avança, e a beleza que esvanece:

Naquela altura não sei o que podia fazer senão beber, Gregório já tinha ido embora, acho mórbido dizer que ele morreu, ele foi embora e pronto. Diogo, esse foi embora andando. E de mal comigo, é tão antiquado dizer, ficou de mal. Ficou de bem. *O cravo brigou com a rosa*, eu cantava na escola. Preciso aproveitar essa ideia nas minhas memórias, acho deslumbrante ver o Bem e o Mal – com letra maiúscula – confundidos numa coisa só, cozinhando no mesmo caldeirão (TELLES, 2010, p. 15).

Em sua solidão, Rosa tem consciência de que sua juventude e beleza estão indo com o tempo, assim como foram seus amores: Miguel, Gregório e Diogo, os três homens mais importantes que passaram por sua vida; bem como Cordélia, sua filha. Ela se lembra com saudades de quando era jovem, famosa e todos a amavam, mesmo tendo noção de que todo aquele amor vinha em consequência de sua beleza e juventude:

Éramos jovens e só os jovens se encaram como o riso secreto que ninguém entende, testemunhas um do outro, é apenas isso, me via nele como num espelho. Posso começar assim as minhas memórias. Quando nos olhávamos eu via minha beleza refletida nos seus olhos (TELES, 2010, p. 14).

É notável em toda narrativa como Rosa associa a felicidade à beleza e à juventude, ela vê neste atributo a garantia da fortuna. Notadamente a beleza buscada pela personagem Rosa não comunga com a Beleza defendida pelo filósofo Platão, em *O banquete*, pois enquanto para Platão a beleza necessária é a relativa à pureza, à elevação do homem além da carne, ao contrário, a personagem do romance *As horas nuas* preza a beleza do corpo, que leva aos prazeres fugazes da carne. Isso justifica o desejo dessa mulher pela juventude, pelos rapazes jovens, pois para ela, eles eram seu reflexo perdido. Estar com um rapaz jovem era autoafirmação para Rosa, assim sentia-se, além de valorizada, sentia, também, uma ilusória garantia que ainda não tinha envelhecido. No entanto, sabendo-se efetivamente mais velha, apática e descrente de todos e de tudo, a atriz vive entregue à solidão.

Um olhar “felino”

A partir da avaliação da narrativa feita pelos olhos da personagem Rosa Ambrósio, percebe-se a importância da narração feita pelo seu gato Rahul. Este narrador aparece como um contraponto à narrativa de sua dona, pois o gato é realista, e pode ser visto como uma espécie de alter ego da atriz. Ele aponta o lado mais íntimo dela, suas fragilidades mais acentuadas e sua desilusão e desgosto por tudo. O gato Rahul, ainda, desnuda a sua dona de todas as vaidades, uma vez que tem trânsito livre na casa, ele vê tudo que ocorre naquele ambiente e participa de forma ativa de todos os acontecimentos. Embora insólita, a narração de Rahul é convincente, ela se limita ao mundo montado no cenário do apartamento da personagem, Rosa Ambrósio, e de seus frequentadores, onde acontece quase toda história do romance.

Rahul aparece pela primeira vez na narrativa em uma cena quando Rosa está sozinha em seu banheiro. O narrador começa a descrever o comportamento da atriz e o leitor não nota a diferença da narração até entender que se trata de um gato. A primeira leitura causa um estranhamento que logo é dissipado pela verossimilhança exercida pela narrativa. O gato convence em sua posição de narrador, se revelando um observador atento, irônico, e apaixonado. O felino desnuda sua dona em seus momentos mais delicados. Refere-se à Rosa como Rosona, fazendo com que ela perca a delicadeza do A de seu nome. Com isso imprime um tom forte, aumentativo, adiposo, de conotação pejorativa, ao delicado nome da atriz, mostrando uma mulher que transborda de si mesma. Como em uma representação medíocre, em que perde o frescor e a beleza da vida para ser a ridícula Rosona; um apelido que tem sonoridade agressiva, que não combina em nada com a delicadeza relativa a uma flor. Ainda assim, mesmo olhando por alguns momentos com ódio para Rosa, o gato cede a seus encantos e, vez por outra, volta a admirar sua dona, como se estivesse enfeitado por ela:

Relaxada e beberrona, continuava metida na antiga camisola sensual das noites sensuais, veste primeira peça que tira da gaveta. **Uma bruxa seduzindo o tempo.** Gente com caráter envelhece mais depressa, a responsabilidade é um arado cavando sulcos no couro cabeludo. Na face. Mas Rosona é irresponsável, será poupada (TELLES, 2010, p. 97) (Grifos nossos).

A narração ganha credibilidade ao expor a vida de Rosa Ambrósio, que vê o bichano como um animal totalmente irracional; o que o gato não é aos olhos do leitor. Essa estratégia narrativa torna o texto instigante, já que apresenta um ponto de vista inusitado e uma personagem desvestida de todas as vaidades internas e externas, proporcionando uma visão mais inteira para o leitor. Uma das passagens emblemáticas narradas por Rahul é o momento em que Rosa vai pintar os pelos brancos do púbis e o gato testemunha de forma irônica:

O frasco de água oxigenada cremosa. A escova de cabo longo e fibras enegrecidas. Uma bisnaga que não usa nunca mas que sempre deixa aí enfileirada. E as luvas de plástico amarelo, manchadas de negro. Pegou o copo de gargarejo com os anjinhos esvoaçando no vidro. Piscou para mim através do espelho. Está me namorando, Rahul? Não posso, querida, você mandou me castrar, respondi. Descansei o focinho no banco acetinado, ela poderia me poupar. Mas quem não poupa nem a si mesma não iria agora poupar um gato.

Não sei por que esses bandidos tinham que nascer brancos, resmungou ela. Já estava de luvas quando mergulhou mais uma vez a escova na tinta do copo. Inclinou-se para a frente. Abriu as pernas e bem devagar foi passando a tinta nos pelos do púbis. Com a mão livre, abriu a caixa rosada no tampo de mármore e dela tirou um lenço de papel para limpar o fio de tinta que lhe escorria pela coxa. Ô! meu Pai!...(TELLES, 2010, p. 36 - 37).

A exposição das intimidades de Rosa, por Rahul, tem um sentido muito simbólico, pois sendo uma atriz que tem como principal requisito de apresentação a beleza e a juventude, ser mostrada em um momento degradante, onde a necessidade de cobrir as marcas do tempo (no caso os cabelos brancos do púbis) se faz tão necessária e ao mesmo tempo tão discreta e sigilosa, é ser despida de todas as suas camadas de fantasia e jogada de forma brusca ao mundo real. Esse tipo de exposição não poderia ser narrado por Rosa, uma mulher narcisista que se furtava a ver a decadência de seu corpo. A função do gato narrador nesse trecho da obra é muito significativa, pois mesmo tendo admiração pela sua dona, o bichano a expõe, como que desejando uma autorreflexão da atriz. A forma como é feita a tintura, uma vaidade que a própria mulher se submete a realizar, por orgulho ou vergonha em se expor, por exemplo, em um salão de beleza ou a entregar a uma especialista em estética, demonstra os pudores de Rosa. Pintar os cabelos brancos do púbis não é uma vaidade comum que possa ser conferida a qualquer profissional. Por outro lado, a tintura dos cabelos brancos é uma vaidade necessária para Rosa, já que aqueles sinais denunciariam a sua decadência humana, a sua falta de viço e juventude e a chegada de sua velhice. E a narração de Rahul, que tem a presença ignorada por Rosa, por ele ser um animal irracional, ao olhar dela, torna a cena mais pesada, já que é narrada de forma detalhada com teor de humilhação. Além disso, pelo tamanho físico do gato, este tem o poder de ver o ato de pintar os pelos, de baixo, enxergando além, para além do pincel e da tinta, como, jamais, Rosa poderia ver.

Considerações Finais

A lucidez sobre a solidão, a consciência do abandono pelo amante e pela filha, são fatos importantes a serem observados em *As horas nuas*. A personagem, Rosa Ambrósio, se sente solitária e velha, mas suas reflexões sobre como viveu a vida leva seus leitores a perceberem que ela não reclama apenas, mas assume as consequências de ter vivido uma vida de forma livre, quando o debate sobre a liberdade feminina ainda era um embrião. Apesar de viver o auge de sua juventude em uma sociedade machista, Rosa desempenha a profissão de atriz. Arriscou viver e viveu fora dos padrões pré-estabelecidos para uma mulher de classe média “bem casada”. Ela se entregou aos prazeres com um amante jovem quando seu casamento monótono e rotineiro não lhe satisfazia mais. É importante ressaltar, que embora a personagem demonstre rancor, raiva da velhice, da solidão e, por vezes, se sinta castigada por suas atitudes, Rosa Ambrósio não chega a nenhuma conclusão definitiva sobre sua vida e suas questões, o que pode ser interpretado como uma reflexão irônica e escancarada de um situação delicada que é a velhice de uma mulher que escolheu viver de forma livre sua vida.

O caminho para a reflexão do leitor, a partir da ironia, pode ser percebido quando do desfecho de *As horas nuas*. Depois de muitos devaneios, lamentos e adiamentos, a personagem começa a gravar suas memórias, iniciando pela lembrança do primeiro amor, o primo Miguel, que a trocou pelos prazeres da droga; aparece, também, as lembranças de seu pai, que saiu para comprar cigarros e nunca mais voltou; bem como, surgem lembranças da filha Cordélia. “_ *Décadence!*... Saí do palco na hora certa, antes da chifrada. Também quis segurar a beleza, é claro, quem não? ... Mas ela escapou por entre meus dedos, água... ainda bem que Deus me deu a paz sexual” (TELLES, 2010, p. 136), o que prenuncia como final melancólico em *As horas nuas*, conforme citação acima, se reverte em ânimo no final da narrativa. A inércia de Rosa, apresentada em todo o romance se desvanece quando surge um terceiro narrador e outra personagem, Renato Medrado, um advogado de trinta e dois anos que se encanta por Rosa. O encontro ocorre quando ele vai conhecê-la na clínica de reabilitação. Desse modo, o olhar dessa personagem aparece, não como uma solução para o desolamento da atriz, mas como uma sinalização de recomeço. Consciente de seu vício, se internando por conta própria, Rosa abre caminho para reiniciar sua vida a partir dos sessenta anos, isso marca uma mudança de atitude e autorreflexão da personagem, destituindo o teor melancólico que acompanhou quase todo o texto, trazendo um tom diferente ao final do romance. Sinalizando, pois, que essa mulher que foi tão corajosa, depois de um período de luto pela fim da juventude, pode recomeçar a viver, não no mesmo palco, nem com a mesma plateia, no entanto, com maturidade e consciência do avançado de sua idade.

A partir desse olhar mais detido para a personagem Rosa Ambrósio, do romance de Lygia Fagundes Telles, *As horas nuas*, pode se estender a reflexão e pensar a questão da mulher e seu espaço na sociedade de uma forma mais ampla. Entende-se, a partir disso, que as mulheres tem o seu lado mais sensível, compreendido como fraqueza pelos homens, estimulado pela sociedade, levando-as a pensarem que seu “papel” é o lar, o casamento e os filhos. No entanto, esse paradigma pode ser quebrado quando a mulher foge à regra estabelecida para ela. Conforme coloca Zolin (2003),

[...] “a má fé dos outros em anular-lhe a liberdade – que é inerente à sua condição de ser humano – não é suficiente para a plena realização dessa empreitada; a mulher mesma aceita a opressão que lhe é imposta, tornando-se cúmplice da própria escravização.

Isso posto, a filosofia parte para a proposição de uma maneira de reverter esse estado de coisas: cabe à mulher inverter os papéis (2003, p. 168).

A literatura traz para debate questões sociais de grande e intrincado valor. Instigando o sujeito a refletir sobre o que lhe é caro no espaço do pensamento contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 35.ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário Mítico - etimológico da mitologia grega**. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1986 v. I e II.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Trad. M. Lopes. São Paulo: UNESP, 1993.
- LAMAS, Berenice Sica. **Lygia Fagundes Telles: imaginário e a escritura do duplo**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002. Tese de Doutorado.
- PLATÃO. **O Banquete: o simpósio ou do amor**. 3. ed., Trad., introdução e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa Guimarães Editores, 2003.
- TELLES, Lygia Fagundes. **As horas nuas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ZOLIN, Lúcia, Osana. Crítica feminista. *In*. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Org. Thomas Bonnici; Lúcia Osana Zolin. Maringá, 2003. p. 161 a 184.